

FAZER A CIDADE: PRENÚNCIOS DE UM EU-OUTRO-MUNDO¹

Luiz Nogueira da Silva Neto²

Universidade Estadual do Paraná

Diego Elias Baffi³

Universidade Estadual do Paraná

DOI: doi.org/10.33871/21750769.2026.22.1.11988

¹ Este memorial é resultado de pesquisa de iniciação científica realizada com fundos provenientes da Fundação Araucária.

² Artista da cena, Luiz Nogueira explora principalmente as áreas de atuação, iluminação e produção cultural. Bacharel em Artes Cênicas e Licenciando em Teatro pela Universidade Estadual do Paraná, iniciou sua trajetória no teatro em 2018, estando sempre em produção artística desde então. Atualmente, integra as companhias teatrais CIA Aérea, CIA Claro!, CIA KÀ de Teatro e Brontossauros Babando Bicicletas, além de realizar estágio na Biblioteca Pública do Paraná, onde trabalha com contação de histórias e leciona aulas de teatro. Seus focos de pesquisa são a criação colaborativa, a intervenção urbana e o jogo com instaurador de realidade autônoma.

noqueiraluiz2171@gmail.com

lattes.cnpq.br/0389632425261960

orcid.org/0009-0008-7613-9451

³ Diego Baffi é interventor urbano, palhaço, diretor e professor/orientador de processos acadêmico-criativos. Desde 2003 se dedica a reinvenção da cidade através de intervenções urbanas em arte. Performer na quandonde intervenções urbanas em arte. Doutor em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com Estágio Doutoral na Universidade Livre de Bruxelas (ULB), Mestre em Artes e Bacharel em Artes Cênicas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente no Bacharelado em Artes Cênicas da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), Campus Curitiba II (FAP) desde 2010, na cadeira Dramaturgia e Processos de Criação Cênica.

diego_baffi@yahoo.com.br

lattes.cnpq.br/3332046032925772

orcid.org/0000-0003-1751-9047

Fazer a cidade: Prenúncios de um eu-outro-mundo

Resumo: Nessa pesquisa foram investigadas maneiras como a arte (mais especificamente a intervenção urbana) pode servir de mediadora para a apropriação de espaços públicos e de passagem pelos indivíduos que os compõem, criando possibilidades que extrapolam as concepções prévias utilitaristas e os tornando mais do que suporte para a vida, parte significativa dela. Aliando prática e teoria foi desenvolvida uma ação de intervenção urbana, denominada *Confidências no Ônibus* (2023), que buscava alterar a relação dos pesquisadores e daqueles que participassem dela com a cidade, em especial com o transporte coletivo, ambiente no qual a ação foi realizada. Para tal, a pesquisa contou com aporte teórico de diferentes áreas do conhecimento, em destaque a arte (Bourriaud, 2009; Certeau, 1998; Fabião, 2009, 2015; Jacques, 2003) e a psicologia (Abreu, 1992; Hillman, 1993; Moreno, 2016; Romano, 2011), na busca de um saber indisciplinar construído coletivamente a partir de um grupo de estudos, o *Saber entre Afetos*, que contava com artistas e psicólogos, em sua maioria psicodramatistas que também estão em contato com a arte. É discutida aqui a relação do passageiro com o transporte público, a qual os pesquisadores notam ser perpassada por aquilo que chamam de presencialidade diluída, marcada pelo automatismo e falta de disponibilidade, e os dispositivos para adensar essa presença. A pesquisa parte de dualidades como atividade e passividade, individual e coletivo, objetivo e subjetivo e vai borrando essas barreiras, criando territórios de habitação no entre, entendendo o transporte coletivo como um desses espaços que estão no meio, mas não por isso devem ser desconsiderados.

Palavras-chave: Intervenção Urbana; Arte Relacional; Performance.

Making the city: Portents of a self-other-world

Abstract: This research investigated the ways in which art (specifically urban intervention) can serve as a mediator for the appropriation of spaces, both public and of transit for the individuals who comprise them, creating possibilities that go beyond the previous utilitarian conceptions, thus making them more than just a support of life, but a significant part of it. Combining practice and theory, an urban intervention action was developed, called *Confidências no Ônibus* (Confessions on the Bus) (2023), that sought to alter the relationship between the researchers and its participants with the city, in particular with public transportation, where the action was carried out. To this end, the research drew on theoretical contributions of different fields of knowledge, especially art (Bourriaud, 2009; Certeau, 1998; Fabião, 2009, 2015; Jacques, 2003) and psychology (Abreu, 1992; Hillman, 1993; Moreno, 2016; Romano, 2011), seeking a collectively built interdisciplinary knowledge from a study group called "Saber entre Afetos" (Knowledge between Affections), formed by artists and psychologists, mostly psychodramatists who are also in touch with the arts. The relationship of the passenger with the public transport is discussed here, which the researchers notices to be permeated with by what he calls a "diluted presentiality", marked by the automatism and lack of availability, and devices to deepen this presence. The research's starting point is dualities, such as activity and passivity, individual and collect, objective and subjective, to then blur these barriers, creating territories of habitation in the between, understanding the collective public transport as one of these spaces in the middle, but should not be disregarded for it.

Keywords: Urban Intervention; Relational Art; Performance.

Hacer la ciudad: Presagio de un yo-otro-mundo

Resumen: En esta búsqueda fueron investigadas maneras en que el arte (más específicamente la intervención urbana) puede servir de mediadora para la apropiación de espacios públicos y de paso por los individuos que los componen, creando posibilidades que extrapolan las concepciones previas utilitaristas, y tornándolos más que soportes para la vida, parte significativa de ella. Aliando práctica y teoría, fue desarrollada una acción de intervención urbana denominada *Confidencias en el Autobús* (2023), que buscaba alterar la relación de los investigadores y de aquellos que participaron de ella con la ciudad, en especial con el transporte colectivo, ambiente en el cual la acción fue realizada. Para tal, la investigación contó con el aporte teórico de diferentes áreas del conocimiento, en destaque el arte (Bourriaud, 2009; Certeau, 1998; Fabião, 2009, 2015; Jacques, 2003) y la psicología (Abreu, 1992; Hillman, 1993; Moreno, 2016; Romano, 2011), en la búsqueda de un saber indisciplinario construído colectivamente a partir de un grupo de estudios, el "Saber entre Afetos", que contaba con artistas y psicólogos, en su mayoría psicodramatistas que también están en contacto con el arte. Se discute aquí la relación del pasajero con el transporte público, la cual los investigadores señalan ser traspasada por aquello que llaman presencialidad diluida, marcada por el automatismo y falta de disponibilidad, y los dispositivos para adensar esta presencia. La investigación parte de dualidades, como actividad y pasividad, individual y colectivo, objetivo y subjetivo, y va borrando esas barreras, creando territorios de habitación en el medio, entendiendo el transporte colectivo como uno de esos espacios que están en el medio, pero que no por eso deban ser desconsiderados.

Palabras clave: Intervención Urbana; Arte Relacional; Performance.

Introdução

Em janeiro de 2022, Luiz Nogueira da Silva Neto, daqui em diante chamado de pesquisador, teve seu primeiro contato com o que se tornaria a pesquisa de iniciação científica que dá origem a este texto: voltando à presencialidade após dois anos de pandemia, o professor-orientador deste trabalho, Diego Elias Baffi, daqui em diante chamado de orientador, apresentou ao corpo discente seu projeto de pesquisa, voltado à arte produzida para o (recém-reocupado) espaço público. O interesse do pesquisador foi imediato. Neste memorial, resultado da pesquisa realizada dentro do Programa de Iniciação Científica e Iniciação de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIC/PIBITI) 2022-2023, na Universidade Estadual do Paraná, Campus Curitiba², concluída quase dois anos após a apresentação feita pelo orientador, apresenta-se de que forma, unindo teoria e prática, foi elaborada ação, na área de intervenção urbana, capaz de propor a arte como caminho para a [re]apropriação de espaços públicos urbanos que, se já são, desde muito tempo, vistos como zonas de perigo por abrigarem a confluência de tensões próprias da constituição do espaço da cidade, se tornaram ainda mais ameaçadores durante os dois anos de isolamento vividos por conta da recente pandemia por Covid-19.

Essa elaboração foi influenciada e orientada por um processo colaborativo, metodologia comum na quandonde intervenções urbanas em arte⁴ (plataforma de intervenção urbana na qual se realizou essa pesquisa) através de dois métodos criativos e de produção de conhecimento conjunto: o grupo de estudos Saber entre Afetos, parceria com o Espaço Psi.Encena⁵ (polo de psicologia, arte e cultura fundado pela psicóloga, atriz e psicodramatista Bruna

⁴ A quandonde intervenções urbanas em arte (Curitiba, 2012) é um grupo de pesquisa indisciplinar e plataforma de criação artística ligada à Universidade Estadual do Paraná – Campus de Curitiba 2: Faculdade de Artes do Paraná (FAP), que busca desenvolver estudos prático-teóricos em intervenção urbana cujo princípio de autoria tem sua localização deslocada da figura da artista, que passa ao lugar de propositora de dispositivos que todos os participantes operam em igual status. Ao criar ruído em relações espetaculares, essa não-hierarquização permite a precipitação de uma poética que surge a partir da perspectiva do acidente, da irrupção de encontros improváveis e do deslocamento de hábitos não-artisticos para uma fruição em arte. Suas obras, produzidas a partir da tensão público-privado que constitui a rede de relações da cidade, instauram espaços de sociabilidades afetivas nos quais as relações são mediadas por lógicas contra-hegemônicas ao capital e suas variantes: www.quandonde.com.br / @quandonde

⁵ O espaço Psi.Encena: Psicologia, Arte e Cultura é norteado pelos princípios do Psicodrama, de Jacob Levy Moreno, em especial o de que a saúde está relacionada ao potencial espontâneo-criativo do indivíduo, isto é, a capacidade de dar novas respostas diante de situações antigas e respostas adequadas diante de novas situações. Dessa maneira, o Espaço se destina a abrigar iniciativas de diferentes áreas a fim de propiciar espaços de criação e desenvolvimento intra e interpessoal. @espaçopsi.encena no Instagram.

de Moraes Teixeira), no qual foram discutidos semanalmente textos relacionados à intervenção urbana, psicologia e arte, e o Caderno de Cooperações, no qual foi proposto um programa performativo⁶ em intervenção urbana por cada um dos integrantes com o auxílio dos demais participantes, que, semanalmente, foram convidados a complementar o caderno de outrem seguindo a diretriz específica daquela semana. Além dos estudos em intervenção urbana, também serão aqui abordados conceitos da psicologia e em especial do psicodrama, área em que nos debruçamos teórica e praticamente com auxílio de Teixeira, suas aproximações e afastamentos das técnicas e resultados visados pela intervenção urbana e, mais especificamente, em ações relacionais dentro desse campo.

Materiais e métodos

4

A pesquisa aqui apresentada teve duração de um ano. No primeiro semestre foram realizadas simultaneamente duas frentes de pesquisa, uma de caráter teórico e uma de caráter prático, sendo elas respectivamente o grupo de estudos Saber entre Afetos e o Caderno de Cooperações. No segundo semestre as mesmas frentes se efetivaram na continuidade do grupo de estudos Saber entre Afetos e em práticas de treinamento em intervenção urbana, que mais tarde foram substituídas pela ação de intervenção formulada especificamente como resultado da pesquisa.

No grupo de estudos foram discutidos textos relacionados ao psicodrama (especialmente a categoria do sociodrama), textos que dissertavam a respeito das relações entre arte e psicologia e bibliografias voltadas à intervenção urbana ou, mais amplamente, as concepções e alterações possíveis da cidade, especialmente no que diz respeito ao espaço público e/ ou compartilhado. Foi a partir desse grupo que o pesquisador entrou em contato com autores e conteúdos que influenciaram diretamente o rumo da pesquisa, dentre os quais destacam-se: o psicólogo estadunidense James Hillman (1993), o psiquiatra português José Pio de Abreu (1992), a psicodramatista brasileira

⁶ Voltaremos a este termo futuramente.

Cristiane Tavares Romano (2011), o historiador francês Michel de Certeau (1998) e os escritos da Revista Internacional Situacionista, especialmente a partir de seu principal representante, Guy Debord (*apud* Jacques, 2003). Já o Caderno de Cooperações (Silva Neto; Liconti; Bulhões; Piovezan; Vidal; Teixeira, 2022 - não publicado), método de criação em intervenção urbana concebido pela plataforma *quandonde*, foi desenvolvido durante 13 semanas, nas quais realizaram-se o aperfeiçoamento de propostas de ações em intervenção urbana a partir das inquietações de cada proponente relacionadas à cidade. Cabe aqui salientar que o termo ação utilizado pela *quandonde* em seu processo e neste texto é similar ao apresentado por Eleonora Fabião (2015, p. 235), quando afirma:

A beleza e a potência de cada ação, e também o que desnorteia os agentes, é o fato de toda a ação ser *imutável, imprevisível e inapreensível*. Imutável: o feito está feito e não está por fazer; inapreensível: ações nascem e se desenvolvem como sistemas de relações; imprevisível: não sabemos como as ações serão percebidas, recebidas, respondidas, desdobradas. Ou seja: agir é lidar permanentemente com imutáveis (o feito está feito), imprevisíveis (não se sabe o que o feito fará) e inapreensíveis (não se saberá plenamente do que o feito é feito). (grifos da autora)

A compreensão do termo ação auxilia, por sua vez, no melhor entendimento da definição de programa performativo, supracitado, que, ainda segundo esta autora (2009, p. 63), se trata de:

[...] um tipo de ação metodicamente calculada, conceitualmente polida, que exige extrema tenacidade para ser levada a cabo, e que aproxima do improvisacional única e exclusivamente na medida em que não será previamente ensaiada. O performer não improvisa a ideia: ele cria o programa e programa-se para realizá-lo. Ao agir em seu programa, necessariamente, desprograma seu organismo e seu meio.

É desta perspectiva que, no processo do Caderno de Cooperações, a cada semana as propostas iniciais (feitas individualmente por participante como abertura de seus cadernos) eram incrementadas por outros integrantes do grupo de modo a tornarem-se, progressivamente, programas performativos que permitissem a realização de ações em espaços urbanos públicos ou abertos à

livre circulação (privados de uso público).

No segundo semestre, as ações desenvolvidas inicialmente no Caderno de Cooperações foram aprofundadas a partir das ações/técnicas de treinamento em intervenção urbana desenvolvidas pela quandonde. Duas destas técnicas foram realizadas mais recorrentemente e influenciaram no *desenvolvimento* da pesquisa aqui apresentada: as Derivas Estáticas e Paisagens Humanas. As Derivas Estáticas são práticas de observação do ambiente urbano “sem propósito” no sentido produtivista, com objetivo de ampliar a percepção do que há no espaço público, de como estes elementos afetam o observador e de como treinar a percepção para detalhar a consciência destes afetos. Já as Paisagens Humanas são composições realizadas com o espaço a partir daquelas observações, entendendo e atendendo os convites que esse espaço faz para quem o observa a partir dos afetos gerados.

Caminho até as *Confidências no Ônibus* (2023)

6

Como resultado do processo vivenciado no Caderno de Cooperações, a ação do pesquisador, denominada Coletivo Individual, teve seu primeiro programa performativo, ainda em caráter experimental, realizado por uma colega de Caderno, a atriz e acadêmica Edryellen Vidal⁷, durante a tarde de 28 de novembro de 2022 na linha de ônibus Santa Cândida/ Capão Raso⁸, de Curitiba, Paraná.

Desde a realização deste primeiro experimento o transporte coletivo foi eleito como campo de pesquisa do pesquisador. A escolha foi influenciada pelo fato daquele ser, naquele momento, um espaço privado de uso público que o pesquisador frequentava rotineiramente e no qual passava períodos diários quando em deslocamento. Por esse motivo, o transporte coletivo lhe provocava a sensação de maior intimidade do que outros espaços urbanos elegíveis para

⁷ Edryellen Louyze Ambrozio Vidal é atriz e cenógrafa formada no Bacharelado em Artes Cênicas pela Universidade Estadual do Paraná, Campus Curitiba 2 - Faculdade de Artes no Paraná. Instrutora de flexibilidade e pole sport, com pesquisa voltada para o corpo e a participação da flexibilidade nas atividades do corpo.

⁸ Linha de ônibus biarticulada de Curitiba que interliga as regiões norte e sul da cidade, saindo do terminal Santa Cândida (norte) até o terminal Capão Raso (sul), passando pela região central da cidade.

a pesquisa, além de ser um espaço ao qual passou a exercitar a observação detalhada, intensificado pelas Derivas Estáticas que ali passou a executar. Estes elementos foram predominantes na eleição deste espaço de atuação.

Foi igualmente relevante na escolha o fato de que, naquele momento, o pesquisador se interessava por entender as convenções sociais criadas nesse espaço, ou seja, quais seriam os acordos coletivos que se faziam pelos ocupantes e pelas demandas concretas do próprio espaço, que tornariam possível a sua utilização, para além das regras instituídas por leis ou força externa. Interessava-lhe, por exemplo, a formação e a deformação das filas de embarque e desembarque, o pedido de licença para se sentar ao lado de alguém, o ato de se privar do que ocorre a volta navegando no celular enquanto se usa fones de ouvido, ou seja, os dispositivos pelos quais as pessoas se relacionam ou impedem relações nesse ambiente.

A partir dessas inquietações em relação ao transporte coletivo e após ter realizado a primeira experiência, supracitada, de elaboração de uma ação; entrado em contato com as teorias do grupo de estudos; e, a partir do que se desenvolvia nos treinamentos, foi elaborado o programa performativo da ação de intervenção urbana *Confidências no Ônibus*.

Longe de estar definido em sua primeira formulação, foi a semanal execução do programa performativo *Confidências no Ônibus* que, progressivamente, ampliou os horizontes das possibilidades de seu aperfeiçoamento, fazendo com que ganhasse pequenas alterações em cada nova realização. Nesse sentido, a utilização de diário de bordo, no qual o pesquisador escrevia os principais atravessamentos que cada uma dessas experiências causava, além das relações com o material teórico sobre o qual se debruçava no grupo de estudos paralelamente, foi elemento essencial para a lapidação da ação.

Quando trazemos a expressão experiência, no parágrafo anterior, estamos atentos às discussões propostas pelo filósofo da educação espanhol Jorge Larossa Bondía (2002), quando a apresenta como “aquilo que *nos* acontece” (p. 21, grifo nosso) e não apenas aquilo que acontece. Ou seja,

escrever em diário de trabalho a respeito de cada uma das vezes que a ação foi realizada se tratava de buscar mapear os pontos que convocavam a atenção, destrinchar os impactos que esses pontos tiveram no pesquisador e o que pareceu afetar no outro. Tal investigação mostrou-se uma prática muito importante para decidir entre o que se pretendia ativar e desativar em quem propunha a ação, em quem era convidado a participar dela e no espaço ao redor quando se levava a proposta ao microuniverso do transporte coletivo.

Destaca-se a importância da reflexão e elaboração em diário de bordo também como ato de parada, lentidão e suspensão já que, ainda segundo Bondía (2002, p. 24), a experiência:

[...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

8

É a partir dessa perspectiva que as alterações no programa se davam e por isso a repetição do programa e seu relato em diário de bordo eram tão importantes.

O programa

A ação *Confidências no Ônibus* (2023), em seu formato final, ocorria conforme o seguinte programa performativo:

1) antes de realizar a ação, escolher confidências em três campos: uma triste, uma feliz e uma embaraçosa. Estas confidências serão trocadas com as pessoas convidadas a participarem da ação;

2) programar a ação para um horário em que os ônibus estejam parcialmente cheios (entre 40 e 60% de sua capacidade), evitando horários de

pico ou de baixa presença de passageiros;

3) programar a ação para uma linha de ônibus que tenha duração em sua rota maior que 20 minutos (tempo médio da ação em dias úteis) e estipular, a partir de aplicativos que permitem a projeção do tempo para deslocamento urbano, em quantas paradas esse tempo será atingido;

4) embarcar na linha de ônibus escolhida;

5) dentro do ônibus, sentar-se em um banco duplo vazio ao lado da janela, ou, na ausência deste, ao lado de outra pessoa, trazendo à mão um caderno com folhas não preenchidas e duas canetas;

6) no caso de estar sozinho em um banco, esperar que alguém sente ao seu lado;

7) quando alguém se sentar, abrir o caderno na primeira página, no qual deve haver um jogo-da-velha⁹;

8) fazer o primeiro movimento e convidar – verbal ou gestualmente – a outra pessoa a fazer o segundo movimento;

9) caso não haja abertura para fazer o convite ou a pessoa convidada recuse, realizar novamente o passo 5;

10) caso a pessoa convidada aceite o convite ao jogo, explicar a estrutura do programa: dizer que serão jogados quatro jogos-da-velha e depois dois jogos-da-forca¹⁰;

11) após iniciar o jogo, se a pessoa convidada puxar papo, conversar normalmente, se a convidada ficar em silêncio, permanecer em silêncio;

12) durante as primeiras jogadas perguntar à pessoa convidada se ela

⁹ “Desenhe um diagrama com duas linhas verticais paralelas cruzadas por duas linhas horizontais paralelas, de maneira a formar nove espaços vazios. Participam duas pessoas que jogam alternadamente preenchendo cada um dos espaços vazios. Vence o jogador que conseguir formar primeiro uma linha com três símbolos iguais, seja ela na horizontal, vertical ou diagonal” (Jarinu, 2020, p. 2).

¹⁰ “É um jogo em que o jogador tem que acertar qual é a palavra proposta, tendo como dica o número de letras e o tema ligado à palavra. A cada letra errada, é desenhada uma parte do corpo enforcado. O jogo termina com o acerto da palavra ou com o término do preenchimento das partes do corpo” (Jarinu, 2020, p. 2).

descerá antes da parada estipulada no passo 3. Se a resposta for positiva, explicar que não haverá tempo para realizar os jogos-da-forca, encerrar a ação após o jogo-da-velha, agradecer e sair, voltando ao passo 5;

13) caso a pessoa convidada vá ficar até a parada estipulada no passo 3, iniciar o jogo-da-forca;

14) se a convidada relutar em jogar o jogo-da-forca de maneira escrita, sugerir a versão sem escrita do jogo-da-forca: um participante deve pensar em uma palavra, dar 5 dicas à outra que tem 5 tentativas para adivinhar a palavra, uma após cada dica dada. Ao final das dicas ou quando a palavra for acertada a pessoa convidada é quem passa a pensar em uma palavra, seguindo as mesmas indicações na escolha da palavra que serão colocadas a seguir;

15) a palavra nessa forca deve estar relacionada a alguma confiança da pessoa proponente, pensada no passo 1 da ação. A decisão de qual confiança será utilizada pode se basear nas informações trocadas enquanto se joga o jogo-da-velha;

10

16) antes de iniciar o jogo-da-forca, dar uma dica, que deve estar inserida dentro de um dos campos definidos na primeira etapa da ação, para a pessoa convidada. A dica deve ser abrangente o suficiente para que seja uma experiência compartilhada, por exemplo, “uma ausência que me deixa triste”, se o campo da confiança escolhido for uma confiança triste, e assim sucessivamente;

17) se a pessoa convidada acertar a palavra lhe dar como prêmio um *origami*;

18) sugerir que a próxima forca seja de uma palavra sugerida pela pessoa convidada, baseada em uma confiança do mesmo campo usado na palavra anteriormente adivinhada;

19) ao acertar a palavra ou "ser enforcada", agradecer a pessoa e sair.

A ação concebida foi realizada dez vezes no período entre 12 de abril e 22 de julho de 2023 até chegar ao formato descrito acima.

Desenvolvimento e alterações nas ações

Falemos um pouco mais do processo de desenvolvimento das ações até aqui apresentadas: antes da ação *Confidências no Ônibus*, a ação Coletivo Individual, desenvolvida no Caderno de Cooperações, foi a primeira proposição de intervenção urbana baseada nas inquietações do pesquisador que ganhou as ruas. A ação consistia basicamente na indicação de que o proponente deveria embarcar na linha Santa Cândida/ Capão Raso com seu celular e fones de ouvido em ligação telefônica ou com uma mensagem de voz previamente gravada por uma pessoa de sua escolha contendo indicações de atitudes consideradas não cotidianas no contexto do transporte coletivo e seguir essas indicações, realizando as propostas. Ao discuti-la posteriormente com os integrantes do Caderno, foi percebido que havia vários fatores negligenciados tanto no que se referia ao objetivo da prática quanto à segurança de quem realizava a ação e dos demais passageiros. Entre os fatores que mereceram cuidado insuficiente destacaram-se: o horário em que seria realizada a intervenção (o que implicava na lotação da linha) e a falta de atenção às características da linha de ônibus escolhida, como o tempo de sua rota e a possibilidades de integração com outras linhas ou a troca de ônibus ainda na mesma linha sem a necessidade de pagar uma nova passagem. Além disso, passou-se a notar a necessidade de estabelecer o mais precisamente possível a intenção, critérios e limites que se tem em prática de intervenção urbana e a responsabilidade estética, ética e política que esse tipo de ação demanda.

11

Esse entendimento foi essencial no processo de elaboração do programa da ação *Confidências no Ônibus*, que foi ganhando alterações durante as dez realizações executadas a partir das necessidades específicas que se apresentavam.

Faremos agora uma apresentação resumida destas vivências que se deram quase que exclusivamente (nove das dez realizadas) em dias úteis, o que, como será discorrido posteriormente, gerou resultados específicos.

Nas duas primeiras experiências, em 12 de abril e 05 de maio de 2023, ainda não havia um programa performativo rígido a ser seguido, e o que se deu

foi a realização de Derivas Estáticas e Paisagens Humanas. Em ambos os dias o principal ponto de atenção foi a dificuldade que o pesquisador teve em realizar convites que exigiam relação direta com outros passageiros, fator que levou à investigação desse tipo de relação.

A terceira vivência, realizada no dia 17 de maio de 2023, já contava com um programa performativo relacional, contudo, o elemento das confidências ainda não integrava o programa. Nesse dia, uma das grandes dificuldades enfrentadas foi a lotação do ônibus: a ação foi realizada em horário próximo às 13h e o ônibus estava com uma grande quantidade de passageiros, dificultando a possibilidade de o pesquisador sentar-se ao lado de alguém. Quando finalmente foi possível convidar alguém a jogar as partidas de jogo-da-velha e jogo-da-forca, a pessoa convidada teve uma atitude inesperada: durante o jogo começou a compartilhar aspectos da sua vida pessoal com o pesquisador.

Figura 1 – Jogo-da-velha



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

Esse é um momento considerado essencial para que a ação tenha alcançado a sua forma final. Na leitura realizada na mesma semana dentro do grupo Saber entre Afetos, o livro *Cidade e Alma* (1993) do psicólogo estadunidense James Hillman, foi compartilhada a seguinte afirmação: “[...] a

fofocagem é a própria vida da cidade” (p. 41). Ao lançar mão dessa máxima, o autor propõe uma relação entre a cidade e a alma, que, segundo ele, é o objeto da psicologia além do princípio relacional entre os seres humanos. A partir da experiência no ônibus e do contato com essa perspectiva, a ação, que antes consistia em jogar jogo-da-velha e jogo-da-força com outros passageiros do ônibus e dar a eles uma recompensa caso acertassem a palavra proposta no segundo jogo, passou a envolver uma troca de confidências a partir do jogo-da-força. A confidência se tornou de tal modo importante para a ação, que acabou por nomeá-la.

A passagem de Hillman (1993) e o ocorrido na ação de 17 de maio encontraram seu formato poético a partir da inspiração em uma ação de repertório da quandonde, a Feira de Trocas Poéticas¹¹. Dentre as diversas trocas propostas nesta ação, uma delas, denominada Acolho Segredos Inconfessáveis pareceu inspiradora no que diz respeito a incluir confidências como parte da ação: na troca, o participante escreve um segredo que lhe é inconfessável de forma anônima e o deposita num envelope que é então guardado junto a outros envelopes que guardam segredos inconfessáveis, também anônimos, de participantes anteriores. Em seguida, a pessoa participante sorteia um dos envelopes anteriormente coletados e o proponente da ação cochicha o segredo sorteado para quem acabou de deixar o seu. Essas inspirações convidaram o pesquisador a pensar na ação voltada ao estabelecimento, no transporte coletivo, de um lugar de encontro e troca de confidências.

No dia 31 de maio de 2023, a quarta experiência no ônibus, a ação foi realizada com uma questão em mente: a partir das realizações anteriores, o pesquisador teve a impressão de que havia quem preferia ficar em pé a se sentar ao lado de um desconhecido no ônibus e nem todas as pessoas estavam dispostas a interagir com alguém que se sentasse ao lado delas. Por isso, nesse dia, ao invés de impor sua presença sentando-se ao lado de alguém decidiu sentar-se em um banco duplo vazio e esperar que alguém se sentasse ao seu

¹¹ Esta ação se utiliza do formato de uma feira – amplamente reconhecida como uma relação de trocas no qual alguém vende um produto, ou seja, o troca por um valor-moeda – para contestar a organização das relações mediadas pelo capital. Na Feira de Troca Poéticas são propostas trocas que valorizam as relações subjetivas, que não envolvem dinheiro, a exemplo da troca de “segredos inconfessáveis”. Disponível em: www.quandonde.com.br/feira-de-trocas-poeticas. Acesso em: 07/03/2026.

lado, isso por considerar que o fato de alguém escolher se sentar ao seu lado já denotava uma certa abertura a, ao menos, compartilhar de um mesmo espaço com outra pessoa.

Ainda nesse dia, após o recebimento primeiro “não” quando foi perguntado se um passageiro queria jogar (todas as pessoas questionadas nos dias anteriores haviam aceitado o convite), o convite que iniciava a ação entrou em foco. Essa é uma das fases da ação que sempre gerou muitos questionamentos no pesquisador: como iniciar uma relação? Como lidar com uma possível recusa ao jogo? Como não ser confundido com mais uma das hostilidades presentes nesse ambiente potencialmente tão conturbado que é o transporte coletivo? As muitas questões relacionadas a esse tópico (especialmente à possibilidade de as pessoas convidadas recusarem o convite) o tornavam especialmente delicado e provocavam um certo “temor paralisante” derivado da dificuldade de decidir qual seria a melhor atitude a se tomar. A superação desta imobilidade foi encontrada a partir de um comentário do orientador dessa pesquisa em um dos relatos compartilhados online em diário de bordo. Ao argumentar que “o convite para uma ação, quando estruturado com responsabilidade e cuidado já é a ação e pode construir em si, processos de fruição que sejam entendidos como a ação sendo realizada” (Diego Elias Baffi, *apud* Silva Neto, 2023 – não publicado) se tornava menos assustadora a possibilidade de que as pessoas recusassem a participação: o pesquisador deveria cuidar do convite para que ele, em si, já trouxesse mobilização que parecesse esteticamente relevante à pesquisa.

A partir desse comentário, a atenção do pesquisador passou a se voltar não somente para como dava início a ação, mas também como as pessoas reagem ao convite que fazia e o que isso alterava na atitude que percebia delas frente a ele em relação ao momento anterior ao convite. Destaca-se aqui, mais uma vez a obra de Hillman (1993, p. 52), dessa vez pensando a sua concepção de “perda da face”, esse conceito é levantado pelo autor quando aborda a questão da caminhada e como observava que essa prática havia sido abandonada em detrimento dos automóveis. Tal abandono geraria, segundo o autor, menos encontros (contatos visuais) no dia a dia e levaria as pessoas a não utilizarem tão frequentemente as expressões faciais utilizadas normalmente

para reagir a esses encontros. Ainda que o autor esteja aqui se referindo especificamente à relação estabelecida entre pessoas em seus automóveis privados e não ao transporte coletivo, uma equivalência a esta baixa utilização dos contatos visuais chamou a atenção do pesquisador nas experiências vividas dentro do ônibus: muitas das vezes em que a ação foi realizada no transporte coletivo, a pessoa convidada a jogar estava com seu rosto sério e/ ou inexpressivo, o que dificultava a descoberta do melhor momento de chamá-la para jogar. Em sua postura fechada, as pessoas pareciam frequentemente intimidadoras a princípio. Paradoxalmente, este se mostrou um fator que se alterava significativamente após o convite inicial ser feito. Mesmo que a resposta fosse “não” para o jogo, o sorriso normalmente usado para expressão tanto aceitação quanto recusa mudava significativamente a maneira daqueles indivíduos se portarem em seus papéis de passageiros. Do modo como colocado pelo orientador, o próprio convite pareceu atuar, em si, como o instaurador de uma relação mais disponível da pessoa convidada em relação a quem a convidava e ao ambiente.

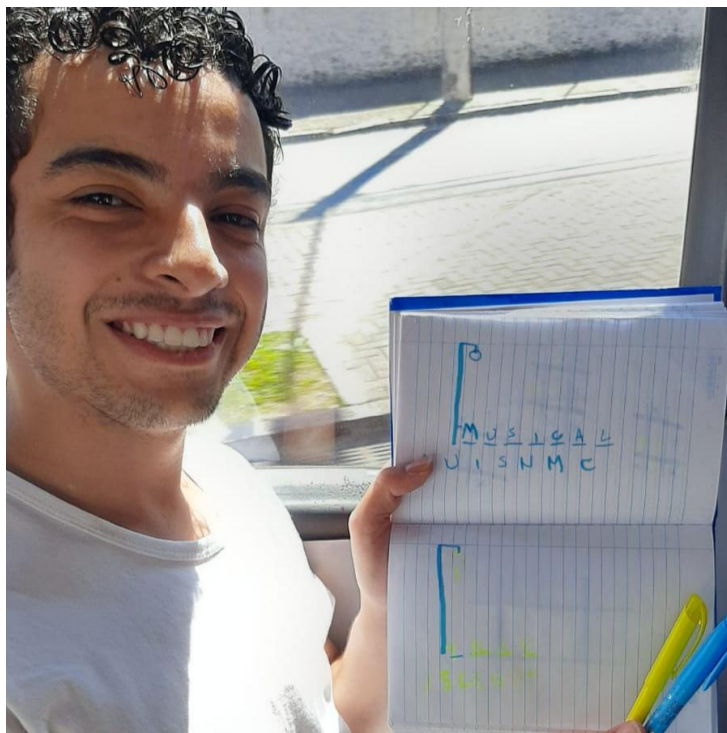
15

Já no dia 14 de junho de 2023, quinta realização da ação, a principal modificação experimentada foi a inserção de três campos nos quais as confidências e as dicas utilizadas no jogo-da-força poderiam estar inseridas: feliz, triste e embaraçoso. Isso se deu a partir da percepção de que, na realização anterior, a palavra confiança, usada no convite para que a pessoa compartilhasse um aspecto pessoal de sua vida, mesmo quando substituída por seus sinônimos, usualmente levavam as pessoas a compartilharem aspectos tristes de suas vidas. A inserção destes campos listados como categorias possíveis para as confidências indicava outras possibilidades de seleção dos assuntos partilhados, que passavam a ser escolhidos dentro destas possibilidades, de acordo com a confiança do propositor e das conversas eventualmente realizadas anteriormente durante o jogo-da-velha.

Em 22 de junho de 2023, sexta realização da ação, o ponto desenvolvido foi a influência que a dica que o pesquisador dava ao participante no momento da primeira realização do jogo-da-força exercia em relação à confiança que se recebia deste quando propunha, por sua vez, a palavra a ser adivinhada no mesmo jogo. Isso se fez perceptível quando, ao escolher compartilhar uma

confidência embaraçosa, o pesquisador deu a dica “um filme que gosto muito e outras pessoas geralmente não gostam”. Se a escolha por esta confidência havia sido por expressar constrangimento (no caso o constrangimento causado pela reação de outras pessoas ao fato do pesquisador gostar de algo incomum) foi a palavra “filme” que acabou por condicionar a confidência feita posteriormente pelo participante. A partir deste ponto, a dica utilizada passou a contar com o mínimo necessário para acessar o campo (feliz, triste ou embaraçoso) ao qual ela pertencia.

Figura 2 – Jogo-da-forca



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

Na semana seguinte, 29 de junho de 2023, sétima realização da ação, o pesquisador vivenciou a sensação de ser “refém” do tempo do ônibus. Esta percepção surgiu quando a pessoa convidada a jogar revelou que iria descer do ônibus em tempo apenas suficiente para jogar as quatro partidas de jogo-da-velha. Nesse dia notou-se a necessidade de estabelecer pontos em que ação poderia ser encerrada sem que houvesse a sensação de que a experiência foi abandonada. Os pontos estabelecidos foram: 1) após o convite, caso a pessoa negasse; 2) após as partidas de jogo-da-velha; 3) após a confidência do pesquisador ser compartilhada no primeiro jogo-da-forca; ou 4) após a

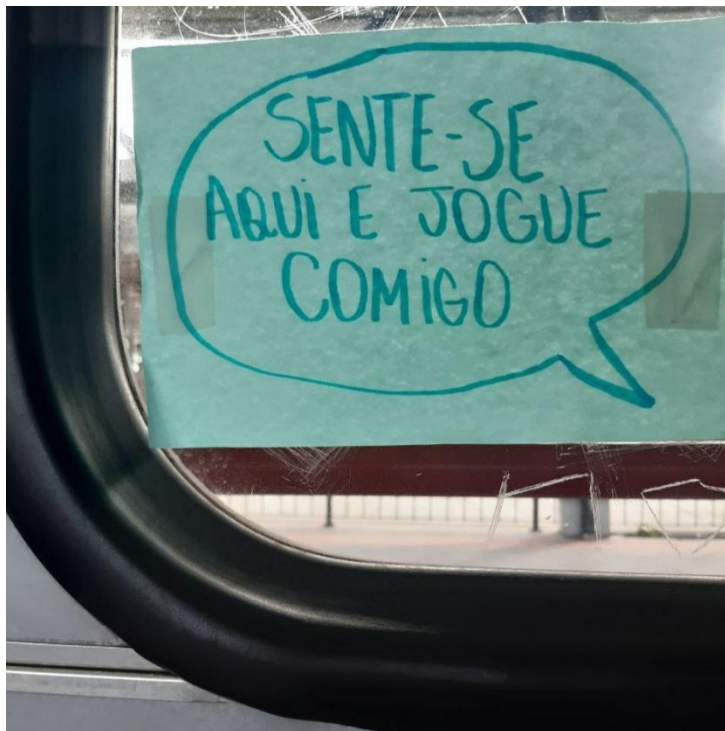
confidência da pessoa convidada ser compartilhada, no segundo jogo-da-força. Essa divisão foi feita a partir da percepção de que o momento de encerramento transforma a experiência proposta, porém considerando que, em qualquer um desses momentos, há a possibilidade de adensamento da presença (considerando uma presença densa como contrária a um estado de presença diluído, marcado pelo automatismo) do participante e do proponente.

Na oitava realização da ação, dia 06 de julho de 2023, uma autopercepção se sobressaiu: o convite estava construindo uma imagem de certa fragilidade na figura do pesquisador, especialmente a partir do tom de voz empregado. Consideramos que esse elemento por si só não seria um problema já que, a depender do objetivo de uma ação, a fragilidade poderia criar um espaço ímpar de afeto sensível entre as partes envolvidas. No que se refere à ação proposta, porém, em que se busca uma troca entre participantes com iguais *status*, a fragilidade pareceu dificultar o estabelecimento da relação de equidade. Some-se a isso o fato de que, a postura de alguém que aborda outrem no ônibus a partir da posição de fragilizado remete a uma relação de carência mendicante, comum e muitas vezes prontamente rejeitada, no transporte público. Para produzir uma outra recepção, percebeu-se a necessidade de voltar a atenção ao tom de voz com o qual esse convite era realizado, de modo, que se tornasse imediatamente perceptível de que não se estava pedindo um favor, mas propondo uma troca.

No dia 13 de julho de 2023, nona realização da ação, outra autopercepção se sobressaiu, desta vez de uma “falta de controle”. Na realização anterior, uma das experiências havia sido interrompida pela pessoa convidada após um empate no jogo-da-velha. A sensação de que esta pessoa poderia ter sentido seu espaço pessoal invadido pela proposta, levou-nos a experimentar a inserção de uma placa na ação: colocada na janela do ônibus ao lado do proponente, a placa dizia “sente-se aqui e jogue comigo”. A placa foi um elemento que surgiu como meio de pré-selecionar pessoas dispostas a participarem da ação, uma vez que supúnhamos que, ao se sentarem ao lado da placa, as pessoas já saberiam que existia a possibilidade de serem convidadas a um jogo e, por isso, estariam, hipoteticamente, mais dispostas a aceitarem o convite. Se, por um lado, a placa parecia facilitar o convite à

participação, por outro sua utilização, na prática, retirava um dos elementos que, percebeu-se na realização, o pesquisador considerava essencial para a ação: a opção de como e quando convidar a pessoa com quem iria jogar e a possibilidade de não convidar alguém caso não se sentisse confortável para tal. Ou seja, a placa ampliava a possibilidade de opção pelo participante, mas eliminava a opção do propositor, que se sentia obrigado a jogar com qualquer pessoa que aceitasse a ação, o que, mais uma vez, desbalanceava uma relação que deveria se dar entre iguais. A necessidade de diminuir a possibilidade de que a ação fosse encerrada em momento inesperado teve, então, outra solução experimentada a partir da realização seguinte: já no início da ação, decidiu-se que o programa seria compartilhado em linhas gerais com quem foi convidado a jogar, criando, dessa forma, uma co-condução (na medida em que ambos sabiam de antemão o andamento da ação e poderiam, assim, controlar sua duração), ampliando a equidade citada anteriormente como necessária para a ação.

Figura 3 – Placa-convite



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

Na décima realização, dia 22 de julho de 2023, a ação foi, pela primeira vez, realizada em um sábado. Pode-se observar ali que — pelo que foi atribuído ao fato de não se tratar de dia útil — havia uma inesperada alteração na lógica

de uso/ocupação do ônibus, especialmente no que se referia à sua lotação em relação aos demais dias em que foi executada e à abertura das pessoas presentes. Se, ao longo das vezes anteriores, foram descobertas as estratégias que permitiam que a quase totalidade dos convites feitos fossem aceitos, desta vez as estratégias pareciam não funcionar apropriadamente e foram recebidos quatro *nãos* antes de a ação ser realizada com alguém. Por outro lado, à mesma alteração na rotina derivada de se tratar de um dia do final de semana, foi atribuída um ganho na possibilidade de aprofundamento do laço criado com a pessoa participante e de sua percepção sobre si: ao pedir que a pessoa que jogava sugerisse uma palavra para o jogo-da-velha derivada de uma confiança pessoal, a participante se permitiu um tempo significativamente maior que as anteriores refletindo sobre si e sobre os temas que gostaria de partilhar. A vivência permitiu que se verificasse como a ação poderia cumprir seu objetivo de evocar campos da vida de quem participava para além da vivência presente no ônibus, assunto este que será discutido mais à frente.

Aprendizagem sobre especificidades de ações propostas no transporte coletivo

O ônibus foi um local que criou certo desafio em relação ao tipo de pesquisa que estava sendo proposta, isso porque ações relacionais¹² demandam certo nível de atividade das pessoas envolvidas nelas, mas no ônibus se é passageiro e, segundo Hillman (1993), a posição de passageiro é vista como degradante dentro de uma sociedade que tem uma alta fantasia de controle, isso porque remeteria a um lugar de passividade, em oposição ao automóvel particular que representaria a atividade e o controle.

Hillman (*Ibidem*, p. 60) ainda afirma que as “rotas indiretas e paradas ocasionais” realçariam essa sensação, o que pareceu se comprovar na experiência do pesquisador, uma vez que ficou latente que o tempo do ônibus pareceu regularmente ser medido em paradas às quais tanto o pesquisador, como proponente, quanto a pessoa convidada estavam submetidos. Ou seja,

¹² Ações realizadas no campo da arte relacional, definida como “conjunto de práticas artísticas que tomam como ponto de partida teórico e prático o grupo das relações humanas e seu contexto social, em vez de um espaço autônomo e privativo.” (Bourriaud, 2009, p. 151)

ainda que se estivesse no lugar de proponente, também se estava, como a outra pessoa, refém do tempo do ônibus, da sua rota e de suas paradas. Seguia-se ocupando um lugar de passividade. Isso influenciou diretamente os rumos da ação e gerou alterações no programa performativo, levando à necessidade de definir um tempo mínimo para a rota de ônibus a ser escolhida; perguntar à pessoa que jogava onde ela iria descer; e dividir a ação em finalizações possíveis, caso não fosse possível realizar o programa em sua completude.

Contudo, e ainda sobre a passividade, Bondía (2002, p. 24) afirma que

[...] o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial.

Levando em consideração os dois pensadores citados, encontramos uma potencial ambiguidade no transporte coletivo: ao mesmo tempo que o sujeito tende a ativar mecanismos de autoproteção na medida em que se vê num lugar de passividade e exposição, esse estado de passividade contribuiria para o tornar suscetível a vivenciar a experiência de Bondía, contanto que a fantasia de controle fosse superada ou amenizada, passando então a esse estado de disponibilidade que entende a exposição não como campo de perigo, mas como zona da experiência. Em outras palavras, a passividade do pesquisador-proponente, inerente a ação de ser levado pelo transporte público, buscava a definição de Bondía, anterior ao entendimento dela como contrária à atividade, e era a partir dela que tentava-se criar a ponte com alguém que poderia estar vivenciando a passividade mais próxima ao que Hillman define no trecho utilizado anteriormente.

A partir dessas inquietações e de uma observação mais atenta e cuidadosa, possibilitada pelos treinamentos diversos em intervenção urbana, em especial pela realização das práticas de Deriva Estática, percebeu-se que o elemento que mais provocava o interesse do pesquisador em atuar no transporte público era justamente o que chamou de presencialidade diluída.

Partia-se da hipótese de que, em geral, o tempo que se passa no ônibus

não seria um tempo que se dá um grau ampliado de importância, ou seja, que o deslocamento em transporte público tenderia a ser visto como mero meio de ligação entre dois pontos, uma parte que se buscaria tornar invisível do dia, mesmo que, como no caso do pesquisador, às vezes ocupe uma parte longa do dia neste deslocamento. Este foi o ponto de partida da ideia de tornar, através da intervenção urbana, esse ambiente de passagem um ambiente em que a presença pudesse ser adensada, chegando ao tipo de presença que o professor e pesquisador brasileiro Mauro Rodrigues (2002, p. 8), afirma ser próprio da performance, um “momento de ‘presença na ação’”, opondo essa presença consciente daquilo que se faz e do que se pensa e sente no fazer ao automatismo que se daria, ainda segundo o autor, por exemplo, na leitura automática: quando se está cansado, lê-se algo e depois não se sabe ao certo o que acabou de ler. Dessa forma, adensar a presença significaria tirar o indivíduo do automatismo propiciado pelo estar entre seu lugar de partida e o de chegada, ou seja, num lugar desimportante que apenas liga a importância passada (partida) à próxima importância (chegada).

21

Segundo Guy Debord (*apud* Jacques, 2003, p. 57), escritor francês e importante pensador da Internacional Situacionista: “O objetivo mais geral [dos situacionistas] deve ser o de ampliar a parte não medíocre da vida, de diminuir-lhe ao máximo os momentos nulos”. Da mesma forma, Debord e os situacionistas propõem uma crítica às “atividades importantes para o futuro” (*Ibidem*, p. 50), principalmente à arquitetura que assumia um papel funcionalista.

Por alinhar-se ao apontado por Debord, esta pesquisa pode ser entendida como uma investigação de perspectiva situacionista. Na cidade de Curitiba, (capital do Estado do Paraná, localizada na região sul do Brasil), na qual a ação foi realizada, não é difícil identificar a relação funcionalista na organização do transporte coletivo, o modelo BRT (*Bus Rapid Transit*), que é considerado referência entre os urbanistas. Muitas são as particularidades que levam a esse “funcionalismo” em tal modelo de transporte coletivo, dentre as quais se destacam as canaletas, vias exclusivas para determinadas linhas de ônibus; as estações tubo de embarque, nas quais o passageiro paga sua passagem para entrar e aguardar o ônibus dentro delas, fazendo com que o processo de embarque seja otimizado, uma vez que a tarifa não é cobrada dentro

do ônibus; as integrações, que podem ser feitas tanto nos terminais quanto nas estações tubo, de modo que o passageiro não precise pagar outra passagem para mudar de linha; os ônibus biarticulados e os “ligeirões” e “ligeirinhos”, linhas que possuem poucas paradas em suas rotas (Estadão, 2022). Esse modelo é, então, na cidade funcionalista, o suporte perfeito para esse transporte coletivo que, como apontado pelos situacionistas, seria uma das expressões urbanísticas desses momentos nulos de vida, nos quais a eficiência superaria a vivência do presente.

Ainda no que se refere ao esvaziamento da experiência em espaços públicos de passagem, o historiador francês Michel de Certeau (1998, p. 174) aponta para a relação de supervalorização do tempo em detrimento do espaço, quando afirma que “[...] a organização funcionalista, privilegiando o progresso (o tempo), faz esquecer a sua condição de possibilidade, o próprio espaço, que passa a ser o não pensado [...]”. Dessa perspectiva, a simples abertura para a consideração do espaço já poderia gerar alterações significativas na própria concepção e vivência da cidade. O autor ainda propõe a análise de “práticas microbianas, singulares e plurais” (*Ibidem*, p. 175), práticas tais que escapariam ao sistema panóptico da cidade e que seriam realizadas seguindo “táticas ilegíveis, mas estáveis” (*Idem, Ibidem*).

Relacionando os apontamentos de Certeau (1998) com a definição de programa performativo de Fabião (2009), é possível estabelecer uma relação entre a produção desse tipo de tática, definida como prática “sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz como se fica no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo [...] determinada pela ausência de poder” (Certeau, 1998, p. 101), e a realização de uma ação que “des-programa” (Fabião, cf. cit.) a cidade, perspectiva de trabalho que a *quandonde* intervenções urbanas em arte adota em suas ações de intervenção, na medida em que a realização de um programa performativo não se apresenta como uma prática necessariamente identificável como arte (como dentro do programado para a cidade) para aqueles que são convidados a participar dela ou pelas autoridades que regulam os usos dos espaços, apesar de ser algo planejado e elaborado antes da execução. Para aqueles que entram em contato com a ação, a situação pode adquirir diversos significados, mas a parte mais importante é que não

assuma nenhum lugar previamente conhecido ou corriqueiro e essa *desprogramação* abra justamente novos campos possíveis para a vivência da cidade, do espaço coautor para a realização da ação.

Relações possíveis com o psicodrama¹³

O psicodrama é definido como uma abordagem da psicologia que enxerga os indivíduos como seres sociais em relação que desempenham papéis psicossomáticos (fisiológicos), papéis sociais e papéis psicodramáticos (psicológicos) e apresentam potencial espontâneo e criativo. Nesta perspectiva, o conceito de saúde está diretamente atrelado ao potencial espontâneo e criativo e uma das formas de promover seu desenvolvimento é através do treinamento de papéis (Abreu, 1992). Correlato ao psicodrama, o sociodrama, é um método pontual de ação psico interventiva que, ao não prever continuidade, trabalha com temas que se encerram em um único encontro (Romano, 2011).

Reconhecido como pai do psicodrama, Jacob Levy Moreno (2016, p 26), apresenta o “eu inteiro” como um conglomerado de papéis fisiológicos, sociais e psicológicos. Ao se tratar de um conglomerado, sempre se opera mais de um papel por vez, não se deixando de operar um papel para operar outro. Outro conceito relevante para Moreno (*Ibidem*, p. 36) é o de “tele”: “[...] é mútua percepção íntima dos indivíduos, o cimento que mantém os grupos unidos”, um tipo de relação saudável entre indivíduos e de seus grupos.

A familiaridade com esses conceitos e perspectivas foi-se dando ao longo desta pesquisa, de modo que ela auxiliou o pensar-fazer das soluções aqui apresentadas. Logo que foi identificada a possibilidade de encontro e troca no transporte coletivo, por exemplo, o pesquisador se deparou, em um mesmo tempo, com uma aproximação e um distanciamento da ação que realizava em relação ao psicodrama: o objetivo do sociodrama, apresentado anteriormente, dialoga diretamente com o desta pesquisa que é causar mudanças para a parcela da sociedade em contato com as proposições desenvolvidas nela a partir

¹³ Um agradecimento especial à Bruna de Moraes Teixeira que gentilmente revisou essa seção do texto e, para além disso, tornou possível o contato com as teorias relacionadas ao psicodrama abrindo as portas de seu espaço para que o grupo de estudo Saber entre Afetos se desenvolvesse.

de um encontro que, inicialmente, não prevê continuidade no que diz respeito à interação entre os indivíduos componentes das práticas, ainda que se proponham, ambas as abordagens, a deixar rastros no participante e produzir novas possibilidades de resposta ao mundo no qual eles vivem e também naqueles que podem criar. Contudo, no sociodrama há um fim terapêutico e a responsabilidade que se tem é justamente a de não deixar pendências maiores que aquelas possíveis de se iniciar, explorar e concluir até o fim deste encontro. Já na ação de intervenção urbana proposta se dá um processo distinto: é necessário que a ação seja construída de maneira que não seja confundida com qualquer proposta de amparo terapêutico, apesar de existir o compartilhamento de algo íntimo naquele espaço.

É a partir dessa perspectiva que se estabelece como um grande ponto de atenção para a ação o seu encerramento, de modo a não deixar a ação virar um desabafo, uma conversa “comum” ou uma “sessão de terapia”. Há um rigor com o fechamento da ação, que deve se dar após a pessoa convidada propor sua palavra e realizar o jogo-da-força. A propositora da ação deve, então, agradecer e se retirar, como quem diz “obrigado por receber minha confiança e me presentear com a sua, essa relação se encerra aqui”. O fechamento como ato poético de compartilhamento de confidências em jogo, que termina a partir de uma regra não-cotidiana acordada previamente afasta a possibilidade de que se estabeleça confusão em relação a construção de relações já conhecidas e mapeadas, como uma amizade ou um possível amparo psicoterapêutico e auxilia que a ação possa ser fruída poeticamente, ou seja, como criadora de novos mundos possíveis e ainda não mapeados.

Assim como o encerramento, o início da ação se torna um ponto de atenção por conta da perceptível alteração que o convite causa na maneira de se apresentar dos indivíduos e é a partir disso que, nas últimas realizações do programa e após reunião com a psicodramatista Bruna de Moraes Teixeira, o pesquisador notou uma das pontes mais óbvias e ainda assim mais difíceis de estabelecer entre a ação que propunha e o psicodrama, retornando um de seus conceitos básicos: o de papel. Isso porque notou-se que, a partir da concepção moreniana, enquanto se desempenha o papel de passageiro no ônibus também se tem em si o papel de estudante ou trabalhador, de filho ou de pai, de médico

ou de paciente e assim por diante, ainda que não o esteja desempenhando naquele momento.

Nesse sentido, mais do que jogar com um passageiro do ônibus, o pesquisador jogava com seres completos que, em alguma medida, se aceitassem jogar, acessariam esses papéis. Não somente o papel de jogadores, que estariam desempenhando, mas também, por exemplo, o de fãs se contassem algo de que eram fãs na confiança embaraçosa, como o pesquisador fazia quando era esse tipo de confiança que compartilhava, ou então em papéis que estavam gerando sofrimento naquele momento, como quando uma pessoa sugeriu a palavra “casamento” para a dica “algo que te deixa triste” e durante o jogo-da-força e disse estar em processo de separação.

Tendo isso em vista e levando em consideração a concepção de relação “tele” para Moreno (2016), quando o pesquisador se colocava no papel de quem oferece uma confiança, abria espaço para que, ao estabelecer esse tipo de relação, o interlocutor pudesse oferecer uma sua, ampliando e contribuindo para a saúde das relações sociais ali estabelecidas.

25

Considerações finais

A investigação de dispositivos para reapropriação de espaços públicos e de passagem, nessa pesquisa, se sustentou em alguns elementos: a união de teoria e prática, a construção de um saber colaborativo e indisciplinar, treinamentos para desautomatizar a relação com a cidade e o desenvolvimento e repetição de ações em intervenção urbana.

Antes de tudo, pensar a cidade e mapear os próprios interesses e inquietações relacionados a ela foi essencial, para que a escolha de um recorte de atuação do pesquisador fosse possível. Além disso, o olhar de outras pessoas para esses interesses e o auxílio afetuoso, seja por meio de materiais teóricos em grupo de estudos ou de sugestões diretas em relação ao desenvolvimento de uma intervenção urbana baseada nessas inquietações no Caderno de Cooperções foi ponto central para a chegada a um programa performativo que se alinhasse com o objetivo de tornar possível a apropriação poética de um

espaço público pelas pessoas que o vivenciam.

Não menos importante foi o treinamento para um olhar atento ao espaço público e para possibilidade de alterações nele que criavam significado para quem as realizava, aliados ao desenvolvimento, repetição e reflexão do estágio final da parte prática dessa pesquisa: uma ação de intervenção urbana. Nessa ação, jogos tradicionais (jogo-da-velha e jogo-da-forca) e a troca de confidências através do jogo-da-forca, são os dispositivos centrais para retirar quem é convidado a participar de um estado de automatismo que o produtivismo impõe.

Além disso, foram traçadas possíveis intersecções entre intervenção urbana e o psicodrama. No início da pesquisa, ao chegar à ideia de transporte coletivo como ambiente de presencialidade diluída e pensar, a partir do psicodrama, no papel que se desempenha enquanto passageiro foi deixado de lado o fato de que passageiros ainda são atravessados por todos os outros papéis que desempenham em outros momentos de vida e que adensar a presença poderia estar ligado, justamente a acessar estes outros papéis. A percepção de que para tal poderia ser utilizada uma confidência que variava desde um simples *guilty pleasure*¹⁴ a uma tristeza que afligia a pessoa naquele momento levou o pesquisador a mais uma realização: como, por meio da arte, podemos acessar os mais variados lugares com as ferramentas mais simples e como é possível construir novos mundos ao desprogramar a realidade conhecida a partir de um, à primeira vista, simples e despropositado jogo.

Nesse sentido, é notável que partir da prática desses jogos foi experienciada uma nova relação do pesquisador com a cidade, com as pessoas convidadas a participar da ação e com o próprio mundo, ou seja, ao vivenciar uma nova cidade a partir da alteração de suas regras de convívio habituais se prenuncia uma nova relação possível entre o eu-outro-mundo.

¹⁴ Em tradução literal "prazer culpado", é uma gíria em língua inglesa que significa, em linhas gerais, algo do qual se gosta muito, mas tem-se vergonha de compartilhar, pois é de má qualidade ou desgostado pela maioria das pessoas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, José Luis Pio. **O modelo do psicodrama moreniano**. Coimbra: Edições Psiquiatria Clínica, 1992.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Nota sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, nº 19, p. 20-28, 2002.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins, 2009.
- ESTADÃO. BRT: Como a proposta de Curitiba se transformou durante os anos. 22 jul. 2022. Disponível em: <<https://summitmobilidade.estadao.com.br/guia-do-transporte-urbano/brt-como-a-proposta-de-curitiba-se-transformou-ao-longo-dos-anos/>>. Acesso em 1 mar. 2026.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- FABIÃO, Eleonora. **Ações**. Tamanduá Artes, Rio de Janeiro, 2015.
- FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. In: FLORENTINO, Adilson; TELLES, Narciso (org.). **Cartografia do ensino do teatro**. Uberlândia: Edufu, p. 61-72, 2009.
- HILLMAN, James. **Cidade e Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- JARINU, Secretaria Municipal de Educação de. Coordenação Pedagógica de Educação. **Vivenciando experiências e aprendendo em casa**. São Paulo, 2020.
- MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 2016.
- SILVA NETO, L. N.; LICONTI, J. L.; BULHOES, G. C.; PIOVEZAN, T. K. M.; VIDAL, E. L. A.; TEIXEIRA, B. M. **Caderno de Cooperações**. Não publicado. Curitiba, 2022.
- SILVA NETO, Luiz Nogueira. **Diário de Bordo**. Não publicado. Curitiba, 2023.
- RODRIGUES, Mauro. Performance: automatismo e presença. **Conceição/ Conception**, São Paulo, v. 11, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8671800>>. Acesso em: 1 mar. 2026.
- ROMANO, Cristiane Tavares. Tempo para se relacionar: átomo social e saúde física e mental. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 19, nº 1, p. 123-134, 2011.

Recebido: 15/03/2026
Aceito: 08/05/2026